Nos boletins de revisão que ela preenche diariamente, riscado leve significava pequenos danos (grau 1) na cópia de um filme. A apreensão surge quando o diagnóstico aponta para o grau 2 (bastante riscado e forçado) e cresce quando uma cópia atinge o grau 3, que vem a ser uma espécie de pré-atestado de morte de uma película.

Rosália Maria da Cruz Oliveira, 61, natural de Salvador, há 40 anos dedica-se a revisar filmes, 30 deles em empresas públicas, como EMBRAFILME, Fundação Nacional de Cinema e, desde 1992, no CTAv.

Para ela, várias são as ações que prejudicam o tempo de vida útil de uma cópia. As principais dizem respeito a máquinas de projeção mal-conservadas, negligência do operador de cabine e, mais grave, emendas mal-feitas. Nas distribuidoras estrangeiras, lembra Rosália, quando uma cópia de filme voltava com problemas, o exibidor era obrigado a pagar uma cópia nova. *"Hoje, operadores deixam até queimar os filmes e, infelizmente, não há qualquer tipo de sanção"*, lamenta.

RISCADO LEVE

Nos tempos da gilette e da coladeira

Foi nas distribuidoras estrangeiras, à época eram mais de duas dezenas, localizadas na Cinelândia, no Centro do Rio, que Rosália, com 18 anos, iniciou-se na profissão.

Foto de Dona Rosália por Marcelo Reis

"A Mundial, por exemplo, era uma distribuidora de filmes brasileiros e americanos. O trabalho de revisão de filmes, naquela época, era completamente diferente do que fazemos hoje. Usávamos coladeira e tínhamos de raspar os filmes com gilette para fazer as emendas".

Depois da fase de aprendizado na Mundial foi revisar para a Paramount, que ficava também na Cinelândia. *" Lá fiquei por sete anos, de 1969 até 1976. Éramos 12 funcionários na revisão, cada qual obrigado a uma produção diária de 42 partes de filmes, o que significava revisar oito filmes de longa-metragem por dia. Quando essa jornada não era cumprida, a bronca era certa. Na Paramount, conheci a Arlete, uma colega que foi fundamental na minha vida profissional. Trabalhávamos juntas na mesma mesa de revisão. Uma amizade que conservo até hoje. Arlete Albuquerque da Encarnação, em abril de 2007, vai completar 93 anos. É a revisora de filmes mais antiga que eu conheço".*

Depois da Paramount, Rosália foi para a distribuidora United Artists, onde ficou por um ano. Em 1977, ingressou na EMBRAFILME e *"como ainda não havia vaga para revisor, aceitei trabalhar na limpeza, no setor de serviços gerais, por seis meses. Só depois desse período é que surgiu uma vaga e eu fui, afinal, trabalhar na revisão de filmes de 16mm. Foi uma fase áurea do cinema brasileiro. Mais de uma centena de filmes produzidos a cada ano. Na revisão, conheci quase todos eles. Lembro de quando cheguei na EMBRAFILME, o filme do momento era Aleluia Gretchen, do Sílvio Back".*

Roteiro para matar filmes norte-americanos

Nesses 40 anos de trabalho como revisora, Rosália diz que só tomou consciência da importância de sua atividade na EMBRAFILME.

" Foi lá, revisando filmes brasileiros mais antigos, que constatei a gravidade de ver um filme deteriorando-se. Porque nas distribuidoras norte-americanas os filmes tinham um tempo para exibição, acho que de seis anos no máximo. Terminado esses seis anos, finda a validade de exibição, o filme, estando bom ou não, era destruído. Mesmo cópias em bom estado, que tiveram pouca exibição, também eram destruídas, por orientação expressa da matriz, nos EUA. Presenciei várias destruições de cópias de filmes americanos. Era quase que um ritual: reuniam-se três diretores que liam toda a documentação referente a trajetória de exibição daquele filme no Brasil; depois, o rolo era colocado numa mesa e um funcionário, com machado na mão, cortava o rolo em quatro pedaços, de forma que nenhuma parte pudesse ser reconstituída. Os pedaços eram jogados dentro de um saco, com a boca lacrada; por fim, um carregador, seguido pelos mesmos três diretores, levava o saco até um caminhão estacionado na porta da distribuidora, que seguia para um local onde existia um forno de incineração".

Roteiro para reviver filmes brasileiros

Ao contrário dos procedimentos das empresas distribuidoras norte-americanas, aqui, no Brasil, alegra-se Rosália, todos os filmes precisam ser conservados e preservados. A saúde de quem deles cuida, nem sempre.

"No geral, os filmes brasileiros são lançados com poucas cópias. Às vezes, apenas uma ou duas, pela falta de recursos do produtor e/ou diretor. Por isso elas circulam bastante, por muitos anos, e quando voltam para revisão, trazem defeitos acima do normal.

Foi aqui no CTAv que descobri alguns defeitos decorrentes da exibição: fita abaulada, canoada e perfuração encolhida. E outros, pela má conservação e tratamento inadequado: o tricloroetileno, por exemplo, descolore a película. Deve-se usá-lo somente a cada dois anos. Fico triste quando vejo uma cópia se desintegrando. A lata começa a exalar um odor fétido, a película vira um líquido avinagrado que, em contato com as mãos, coça e fere. Desenvolvi uma alergia pelo contato com fungos e bactérias no manuseio das latas. Tive um pólipo no nariz, operei, mas fiquei com seqüela, o lado esquerdo do rosto parcialmente dormente. Sãos os riscos de todas as profissões. Quais os filmes de que mais eu gosto? É uma pergunta difícil de responder. Foram tantos, milhares de curtas e longas, a que assisti e revisei nesses 40 anos. Mas Deus e o diabo na terra do sol (Glauber Rocha) e Ilha das Flores (Jorge Furtado) são os meus preferidos. Outro mais é Barbosa (Jorge Furtado), um filme que eu gostaria de ter feito. Não fiz, mas revisei, o que não deixa de ser um jeito de participar. Minha família era muito pobre, tive poucos anos de estudos, um riscado leve. O cinema foi minha escola; por meio dele entrei em contato com as coisas maravilhosas da vida.

Sou apaixonada por cinema, gosto de pessoas, gosto de saber o que se passa na cabeça delas, o que elas pensam. Assistindo a um filme, isso é possível".

Depoimento a André Andries